

Violência Econômica: Está na Hora de Mudar o Jogo

Capitão Jonathan Pan, Exército dos EUA

As opiniões expressas neste artigo são do autor e não refletem a posição oficial de nenhum órgão do Departamento de Defesa.

HÁ UMA ESCALADA de tropas em curso no Afeganistão, mas acreditamos que não deve haver um aumento correspondente no Programa de Resposta de Emergência do Comandante (*Commander's Emergency Response Program — CERP*). O aumento de assistência no Afeganistão serviria como um incentivo para que os “potentados” comerciais mantivessem uma guerra perpétua, uma vez que seu sucesso financeiro depende dela. Como a OTAN não foi capaz de influenciar os atores que estão destruindo a confiança do povo afegão no seu governo (ou seja, Ahmed Wali Karzai e companhia), está na hora de influenciá-los financeiramente.

Como afirma Tony Corn no *Small Wars Journal*, o “combate não letal não significa o combate não violento, e sim uma redefinição da própria violência”¹. A OTAN e a indústria da contrainurgência são grandes defensoras do combate não letal, mas, ao mesmo tempo, ignoram a mais poderosa ferramenta não letal ao seu dispor: o dinheiro norte-americano. Esse não é um conceito novo. Durante a Guerra Fria, os Estados Unidos venderam cereais a baixos preços para a União Soviética, e os soviéticos pagaram com dinheiro advindo de suas exportações de petróleo e gás natural. Isso revelou como a União Soviética poderia ser influenciada economicamente: por meio de sua dependência em relação ao setor agrícola estadunidense — algo ruim para os soviéticos, porque os EUA poderiam suspender as exportações, e bom para a comunidade agrícola

norte-americana, porque abriu um grande novo mercado — e em relação à alta de preços do petróleo e do gás natural nos anos 70. Quando a União Soviética invadiu o Afeganistão, em 1979, o Presidente Jimmy Carter impôs um embargo à venda de cereais durante o resto do seu mandato. Até certo ponto, a União Soviética podia ser considerada uma economia de “monocultura” (petróleo e gás), o que se mostrou desastroso². Por exemplo, nos anos 80, o governo de Ronald Reagan pressionou a Arábia Saudita, secretamente, a aumentar a produção para reduzir os preços mundiais do petróleo. Essa redução significou menores ganhos para a União Soviética. Aliado ao aumento nos gastos com defesa dos EUA, isso levou à violência econômica em sua melhor forma. *Está na hora de retomar a violência econômica como uma estratégia militar viável.*

Influência Econômica

Hoje, a violência econômica poderia ocorrer na forma de um congelamento da ajuda financeira, o que seria doloroso para os potentados comerciais locais, pois teriam de pensar duas vezes antes de gastar 3 milhões de dólares em uma única viagem a Las Vegas. Ironicamente, essa viagem veio à tona durante uma conversa com um certo Sherzai (do clã de Gul Agha Sherzai), que estava na fila para adquirir mercadorias (para tropas estadunidenses) na cantina militar do Aeródromo de Kandahar. Gul Agha Sherzai é, atualmente, o governador da Província de Nangarhar, no leste do Afeganistão, tendo sido o governador de Kandahar no passado. Segundo o jornal *The Globe and Mail*, o “Sr. Sherzai admitiu receber 1 milhão de dólares por semana da sua parcela dos impostos de importação e do comércio de ópio”³. Além

O Capitão Jonathan Pan atuou como oficial encarregado do desenvolvimento econômico na 5ª Brigada da 2ª Divisão de Infantaria, no sul do Afeganistão. É bacharel em Economia

e Filosofia pelo Baruch College, da City University of New York, e atualmente cursa o mestrado no Departamento de Estudos de Guerra do King's College London.



Exército dos EUA

Soldados estadunidenses conversam com alunas iraquianas durante a reinauguração do Museu de História Natural e Cibercafé da Universidade de Bagdá. O museu e o café foram reconstruídos com US\$ 40 mil fornecidos pelo Programa de Resposta de Emergência do Comandante, da 1ª Divisão Blindada do Exército dos EUA, durante a Operação Iraqi Freedom.

disso, o clã Sherzai obtém importantes benefícios financeiros de projetos dentro e no entorno do Aeródromo de Kandahar, a principal base da OTAN no sul do Afeganistão. Em abril de 2010, o General de Brigada Abdul Razziq Sherzai, irmão de Gul Agha Sherzai, deu início à construção de um novo complexo atlético, que contaria com “um campo de futebol, uma sala de musculação e uma pista de corrida”, no valor de US\$ 83 milhões. Esse montante incluiria a “ampliação de dormitórios, serviços públicos e outras instalações”⁴. Segundo o filho do General (que é o proprietário da Companhia de Construção e Abastecimento Sherzai), o clã possui uma participação grande no projeto supracitado e em todos os outros projetos no entorno do Aeródromo de Kandahar, porque o “General Sherzai é dono das terras”. Depois de fazer essa declaração, ele rapidamente se corrigiu, dizendo que, na verdade, as terras eram de propriedade do Ministério da Defesa.

Se considerarmos que as Forças de Segurança Nacionais do Afeganistão não enfrentam nenhuma ameaça aérea do Talibã, a única razão

lógica para ampliar o Grupo de Aviação em Kandahar seria aumentar os meios de asa rotativa em apoio às tropas terrestres afegãs. Entretanto, os US\$ 83 milhões servirão apenas para a construção de instalações e não incluem o custo de novas aeronaves. Essa quantia poderia pagar pelos salários de 39.903 novos policiais durante um ano (novos recrutas recebiam US\$ 240,00 por mês em 2010). Utilizar os US\$ 83 milhões para empregar mais 39.903 policiais provavelmente ajudaria mais do que qualquer aumento no apoio de asa rotativa.

O fator principal para a existência de projetos como esse é a tendência burocrática dos órgãos governamentais de gastar o máximo possível de seus orçamentos antes do final do exercício fiscal. Um funcionário da Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), em Kandahar, resumiu bem a cultura de gastos durante uma conversa comigo. Disse: “Ainda há mais de US\$ 500 milhões no CERP para o atual exercício fiscal, mas restam apenas três meses e, por isso, é melhor vocês se apressarem”.

Como afirma o relatório *Special Investigator General for Afghanistan Reconstruction's (SIGAR) Quarterly Report to the U.S. Congress (April 2010)* (“Relatório Trimestral para o Congresso dos EUA, do Investigador Geral Especial para a Reconstrução do Afeganistão”), “Em 31 de março de 2010, os Estados Unidos já haviam destinado um total de quase US\$ 51,5 bilhões para a assistência e a reconstrução no Afeganistão, desde o exercício fiscal de 2002”. Tenho certeza de que, desses US\$ 51,5 bilhões, menos da metade foi suficientemente transparente para fins de auditoria. As Forças militares norte-americanas mantêm um banco de dados *on-line* sobre o CERP, bem detalhado, capaz de rastrear projetos com uma precisão de dez dígitos. Por outro lado, procurar por informações específicas da USAID (ou de qualquer outro órgão de assistência) equivale a olhar dentro de um buraco negro. E isso não quer dizer que seria necessário invocar a Lei de Liberdade de Informações (*Freedom of Information Act*) para obter os dados, pois eles não estão ocultos; simplesmente não existem. A maioria dos programas da USAID

é, na melhor das hipóteses, rastreada apenas no âmbito das Províncias. Isso torna a auditoria e a fiscalização de projetos antigos uma tarefa difícil. O que agrava ainda mais a cultura de gastos é a tendência de realizar obras no Afeganistão em conformidade com padrões norte-americanos ou internacionais.

A construção de uma estrada de 7,8 km em Spin Boldak, em Kandahar, foi estimada e financiada no valor de US\$ 9.550.190,00, mas concedida à empresa licitante vencedora por US\$ 4.494.629,00. Por um motivo desconhecido, um projeto anterior deixou sem pavimentação um trecho de 7,8 km da Rodovia 4. Por acaso, Gul Agha Sherzai tinha outro “Abdul Razziq” em sua “comitiva”, seu protegido, o infame Coronel Abdul Razziq (nenhum parentesco com o General de Brigada Abdul Razziq Sherzai), da polícia de fronteira afegã. O Coronel Razziq havia estado envolvido nos dois projetos de construção da estrada. Ele é acusado de ter colocado na cadeia o contratado do primeiro projeto por atrasos provocados pelo Governador da Província. Convenientemente, a situação foi



Força Aérea dos EUA, 1º Sgt. Juan Valdés

Contratados afegãos que trabalham para a USAID instalam um sistema de drenagem em um centro comunitário, no Distrito de Arghandab, Província de Kandahar, Afeganistão 13 Dez 09.

resolvida quando amigos do contratado fizeram uma visita ao governador. Um escritor que voltou recentemente de Kandahar me disse que esse Coronel foi promovido a General.

O Corpo de Engenheiros do Exército projetou uma escola de dois andares, com 16 salas de aula, por US\$ 2,5 milhões. A Equipe de Reconstrução Provincial de Zabul estimou em US\$ 440 mil o custo de uma escola do Ministério da Educação, de tamanho equivalente. Por que a grande diferença em preço? O projeto de US\$ 2,5 milhões é resistente a terremotos, em conformidade com padrões norte-americanos, enquanto o projeto de US\$ 440 mil obedece aos padrões afegãos.

Esse descuido com os gastos levou ao incidente de Las Vegas de Sherzai, história que reforça a percepção do público afegão de que a assistência internacional não beneficia o cidadão comum. Além de terem apostado em jogos de azar, alguns potentados locais construíram requintadas mansões em Cabul, uma das quais é alugada por US\$ 47 mil por mês⁵. Na Cidade de Kandahar, as propriedades imobiliárias mais valorizadas ficam em Aino Mino — um projeto de urbanização “liderado” pelo irmão de Ahmed Wali Karzai, Mahmoud Karzai⁶. O General de Brigada Sher Mohammed Zazai, comandante do 205º Corpo de Exército do Exército Nacional do Afeganistão, baseado em Kandahar, ordenou uma investigação sobre o envolvimento de Ahmed Wali Karzai em construções ilegais em terrenos do governo. Só o tempo dirá se esse é um gesto anticorrupção ou apenas uma jogada comercial do Ministério de Defesa — predominantemente tadjique — contra a elite pashtun de Kandahar.

Fora os proporcionados pelos potentados comerciais, não há serviços prestados à população, nem pelo próprio governo. Em virtude do dinheiro fácil e abundante oriundo dos órgãos de assistência internacional, os ministérios provinciais criam listas de prioridades (que chamam de plano de desenvolvimento provincial) com aquilo que querem, mas que não seriam capazes de financiar por meio de seu próprio governo. O Plano de Desenvolvimento Provincial de Kandahar, para 2010, contava com os seguintes destaques: “construção de um museu” por US\$ 1.087.000,00; “construção de uma fábrica de cimento” por US\$ 150 milhões; “construção de 10 mil apartamentos em três quadras da Cidade de Kandahar” por US\$ 70 milhões⁷. Em meio a uma

intensa insurgência, com autoridades públicas sendo assassinadas em mesquitas (como foi o caso do vice-prefeito, em abril de 2010) ou mortas em ataques de homens-bomba (como foi o caso do vice-governador, em janeiro de 2011), é realmente nisso que o governo provincial deve estar se concentrando?

Em vez de devotar seus esforços ao conserto de buracos nas estradas, o diretor de obras públicas de Kandahar, o engenheiro Abdul Mohammad Ehsan, gastava seu tempo tentando obter negócios

...empregar mais 39.903 policiais provavelmente ajudaria mais do que qualquer aumento no apoio de asa rotativa.

na Província. Os habitantes de lá “adoram” quando os empresários de Cabul — que frequentemente terceirizam obras para empresas de Kandahar, a partir do conforto das suas mansões na capital — obtêm essas concessões. O Departamento de Obras Públicas da Província de Kandahar não atua além de um raio de 10 km da Cidade de Kandahar. Para financiar qualquer projeto do CERP, é preciso obter um memorando de entendimento para receber apoio do respectivo departamento do governo. Para se chegar a qualquer diretor, é preciso passar pelo funcionário local da equipe de reconstrução provincial de Kandahar, encarregado de marcar reuniões com os diretores. Durante minha missão, Kham Mohammad Khadim era esse contato.

O primo de Khadim é, convenientemente, o proprietário de uma empresa de construção chamada Southern Afghanistan Development Construction Company e, em algumas ligações, tive a impressão de que ele não se apressaria a marcar reunião alguma a menos que alguns projetos pequenos fossem encaminhados para seu primo.

Enquanto afegãos como eles desfrutam de incentivos financeiros para manter a guerra infinitamente, há alguns assessores civis e contratados da OTAN que têm incentivos

igualmente lucrativos: alguns recebem anualmente mais que o vice-presidente dos Estados Unidos (US\$ 230.700,00).

Para ser justo, sempre haverá riscos em uma zona de combate, mas a maioria dos próprios contratados admitiria que o principal risco é o de um ataque aleatório com foguetes contra uma

...imagina-se que falantes de dari nunca seriam enviados para o sul do país — onde seriam completamente inúteis, uma vez que a região é de maioria pashtun —, mas isso acontece com frequência.

base protegida; talvez seja mais provável você ser atropelado por um táxi na cidade de Nova York. O salário anual de alguns intérpretes é igual ou superior ao de um oficial-general estadunidense (até US\$ 200.500,00). Com tanto dinheiro em jogo (em maio de 2010, a empresa Mission Essential Personnel recebeu uma prorrogação de seu contrato válida por um ano, sem licitação, no valor de US\$ 679 milhões, para prover intérpretes para o Exército dos EUA no Afeganistão), imagina-se que falantes de dari nunca seriam enviados para o sul do país — onde seriam completamente inúteis, uma vez que a região é de maioria pashtun —, mas isso acontece com frequência. Para as Forças Armadas, a terceirização é a solução encontrada para fazerem algo que não são capazes de realizar quando têm poder de combate limitado. Em alguns casos, faz mais sentido empregar habitantes locais para prestar a segurança de um posto operacional de combate valor companhia (120 militares) por um milhão de dólares anuais, por exemplo, do que dedicar um pelotão de Infantaria à tarefa, o que privaria a companhia de um terço do seu poder de combate. Em outros casos, como no de profissionais da segurança pública, equipes de terreno humano e outros assessores, os benefícios ainda não estão claros.

Hora de Mudar

É hora de “assumir as rédeas” com relação aos terceirizados afegãos e contratados da OTAN. Enquanto a violência militar provoca um alvoroço na imprensa e uma reação negativa do eleitorado, a violência econômica seria tolerada e talvez até valorizada nos Estados Unidos. Será que um contribuinte estadunidense ficaria chateado se um potentado afegão não pudesse mais gastar US\$ 3 milhões em Las Vegas? Se adotar uma política de violência econômica, a OTAN terá a oportunidade de mudar o jogo. O novo jogo visaria a coagir os potentados comerciais a ajudar a pôr fim a essa guerra interminável. Certamente, eles contam com os meios (armas, homens e dinheiro) para isso. A fim de adotar uma estratégia de violência econômica, a OTAN deve suspender imediatamente todos os contratos não essenciais ao combate que não beneficiem diretamente as Forças da coalizão, empregar meios de engenharia capazes de atender às suas necessidades de engenharia no nível tático, limitar as verbas de assistência e reavaliar os benefícios de se ter uma grande força de trabalho terceirizada.

Essa estratégia impediria que os potentados comerciais enriquecessem com os contratos não essenciais ao combate. As tropas podem viver sem as lanchonetes internacionais nas principais bases, abastecidas por empresas de transporte cúmplices de grupos de extorsão. Possuir meios de engenharia próprios evita o incentivo para os contratados sabotarem projetos. Quando explodir obras deixar de ser rentável, os terceirizados desligados de questões ideológicas não terão mais motivos para cometer tal ação. Todos os países membros da OTAN fornecem alguma forma de assistência, mas os Estados Unidos respondem pela maior parte e devem, portanto, tomar a iniciativa de reduzi-la. O Congresso norte-americano deve considerar uma redução do CERP do Departamento de Defesa e de todos os programas da USAID no Afeganistão, para o exercício fiscal de 2012. Nós certamente não podemos deixar que agências andem soltas por aí com sacos de dinheiro. O atual raciocínio parecer ser que, se o gasto de alguns bilhões de dólares vier a salvar a vida de um único soldado da OTAN, ele já terá valido a pena. Contudo, essa linha de raciocínio dá prioridade à proteção da Força e não à missão, que é convencer o povo afegão de que seu governo

é legítimo. Os comandantes combatentes norte-americanos são incentivados a preocupar-se mais em manter um reduzido número de baixas do que em cumprir a missão. Qualquer baixa norte-americana ou afegã leva a maior escrutínio. Os comandantes já estão de mãos atadas. O contínuo abastecimento da elite afegã com verbas de assistência internacional serve apenas para restringir ainda mais a capacidade de esses comandantes cumprirem sua missão.

Alguns peritos vêm manifestando preocupações quanto à assistência financeira já há algum tempo, e outros estão começando a aderir. Andrew Wilder, pesquisador da Tufts University, escreveu um artigo opinativo para o jornal *The Boston Globe* em setembro de 2009, que revelou que, “em vez de conquistar corações e mentes, a percepção dos afegãos quanto à assistência e aos agentes que a executam é extremamente negativa. E, em vez de contribuir para a estabilidade, a assistência, em muitos casos, contribui para o conflito e para a instabilidade”⁸. Essa postura levou à realização da conferência “Winning ‘Hearts and Minds’ in Afghanistan: Assessing the Effectiveness of Deve-

lopment Aid in COIN Operations” (“Conquistando ‘Corações e Mentes’ no Afeganistão: Avaliando a Efetividade da Ajuda para o Desenvolvimento nas Operações de Contrainsurgência”, em tradução livre), em Wilton Park, em março de 2010. Um relatório da conferência apresentou pareceres semelhantes sobre a assistência. Constatou que:

- As atuais estratégias de estabilização se baseiam em premissas muito arraigadas e frequentemente questionáveis;
- A implantação da doutrina de contrainsurgência não tratou adequadamente das questões políticas;
- Quando devidamente concebidas e fornecidas, as verbas de assistência parecem gerar, de fato, alguns benefícios no nível tático, mas não no nível estratégico;
- Normalmente, “menos é mais”. O excesso de verbas de assistência pode ser desestabilizador;
- A assistência parece estar perdendo corações e mentes no Afeganistão, ao invés de conquistá-los; É fundamental fortalecer a governança nos âmbitos provincial e distrital e estimular uma liderança eficaz e transparente, ligada a Cabul⁹.



Força Aérea dos EUA, 1º Sgt. Juan Valdes

Contratados afegãos que trabalham para a USAID na construção de uma estrada em um centro comunitário, no Distrito de Arghandab, Província de Kandahar, Afeganistão, 13 Dez. 09.

A OTAN não deve prosseguir com a atual — e falha — estratégia de contratação de terceirizados durante as operações. Reconsiderar a assistência é quase tão importante quanto reeducar os encarregados pelas contratações, que supervisionam a distribuição dos recursos. Quando eu apresentei informações de que certo terceirizado estaria fornecendo pagamentos ao Talibã, um funcionário estadunidense encarregado de contratações me respondeu da seguinte forma:

As aquisições são solicitadas com base na melhor oferta, menor preço e padrões tecnicamente aceitáveis. Os funcionários públicos locais devem ser informados de que nós somos obrigados a obedecer à legislação dos EUA na aquisição de bens e serviços neste país. Qualquer indivíduo que revele ou compartilhe quaisquer informações sobre aquisições com você, com o governador ou com qualquer outra pessoa estará violando a lei sobre a integridade nas aquisições (*Procurement Integrity Act*). Se fosse seguida, sua orientação resultaria em grave violação do referido estatuto. Eu não aconselho¹⁰.

Embora o contratado suspeito tenha acabado sendo impedido de participar da licitação para aquele projeto, a aquisição de bens e serviços com base na “melhor oferta, menor preço e padrões tecnicamente aceitáveis” leva a uma situação absurda: às vezes, os licitantes com as ofertas mais baixas são corruptos. Nesse caso específico, uma empresa do clã Popalzai pagou uma “taxa de segurança” aos comandantes nativos e salários reduzidos à mão de obra não qualificada, por estar ligada a Ahmed Wali Karzai.

Violência Econômica

Os integrantes extremamente qualificados da OTAN estão munidos das tecnologias mais avançadas do mundo e de bilhões de dólares de assistência para “devidamente” conduzir “todo o espectro de operações, centradas na contrainsurgência”. Contudo, ignora-se o princípio humano básico, de que as pessoas respondem a incentivos. O Major Grant Martin redigiu um artigo para o *Small Wars Journal*, no qual ele substituiu a palavra “economista” por “teórico militar” e “economia” por “estudo da guerra” em um artigo opinativo do *New York Times*¹¹. O artigo opinativo modificado flui igualmente bem com as substituições no texto.

Os soldados de Infantaria podem realizar patrulhas o dia inteiro e agir em estrita conformidade com a doutrina de contrainsurgência, mas, no final das contas, o que pode dizer um comandante de pelotão a um agricultor afegão que vê tantas disparidades? Congelar bilhões de dólares de assistência não afetará o afegão comum, que não chegou a ver um centavo nos últimos nove anos. Contudo, proporcionará um forte incentivo para que aqueles que silenciosamente vêm promovendo a guerra perpétua escolham o lado do governo afegão. A violência econômica diz respeito tanto à redução de verbas quanto à transparência dos valores utilizados. Ambas são necessárias. Pode ser que, no futuro, haja um estudo que comprove que a assistência internacional é um fator positivo. Contudo, esse estudo não pode sequer começar sem que haja uma prestação de contas exata de cada dólar gasto. Para tanto, a OTAN deve dar início, imediatamente, a uma campanha de violência econômica e transparência financeira. **MR**

REFERÊNCIAS

1. CORN, Tony. “Peaceful Rise through Unrestricted Warfare: Grand Strategy with Chinese Characteristics”, *Small Wars Journal* (June 2010): p. 5, disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/blog/journal/docs-temp/449-corn.pdf>>, acesso em 27 jun. 2010.
2. JENSEN, Robert G.; SHABAD, Theodore; WRIGHT, Arthur W. *Soviet Natural Resources in the World Economy* (Chicago: University of Chicago Press, 1983), p. 631.
3. SAUNDERS, Doug. “Corruption eats away at Afghan government”, *The Globe and Mail*, 30 Mar 2009, disponível em: <<http://www.theglobeandmail.com/news/world/article683261.ece>>, acesso em 27 jun. 2010.
4. BAUER, Joe. “Kandahar Air Wing Commander Breaks Ground on New Athletic Complex”, *NATO Training Mission Website*, 15 Apr 2010, disponível em: <<http://www.ntm-a.com/news/categories/aircorps/468-kandahar-air-wing-commander-breaks-ground-on-new-athletic-complex?lang=>>>, acesso em 27 jun. 2010.
5. BRUILLARD, Karen. “Garishly incongruous ‘poppy palaces’ lure affluent Afghans”, *Stars and Stripes*, 9 Jun 2010, disponível em: <<http://www.stripes.com/garishly-incongruous-poppy-palaces-lure-affluent-afghans-1.106485>>, acesso em 27 jun. 2010.
6. NISSENBAUM, Dion. “Afghanistan president’s brother, Ahmed Wali Karzai, under investigation”, *The Christian Science Monitor*, 18 May 2010, disponível em: <<http://www.csmonitor.com/World/Asia-South-Central/2010/0518/Afghanistan-president-s-brother-Ahmed-Wali-Karzai-under-investigation>>, acesso em 28 jun. 2010.
7. *Kandahar Provincial Development Plan 2010*.
8. WILDER, Andrew. “A ‘weapons system’ based on wishful thinking”, *The Boston Globe*, 16 Sept 2009, disponível em: <http://www.boston.com/bostonglobe/editorial_opinion/oped/articles/2009/09/16/a_weapons_system_based_on_wishful_thinking/>, acesso em 27 jun. 2010.
9. *Report on Wilton Park Conference 1022*, “Winning ‘Hearts and Minds’ in Afghanistan: Assessing the Effectiveness of Development Aid in COIN Operations”, 11-14 March 2010, disponível em: <<http://www.wiltonpark.org.uk/documents/conferences/WP1022/pdfs/WP1022.pdf>>, acesso em 27 jun. 2010.
10. Correspondência eletrônica particular com um funcionário estadunidense encarregado de fazer contratações, em 25 abr. 10.
11. MARTIN, Grant. “The Need for the Return of History”, *Small Wars Journal* (12 Jun 2010), disponível em: <<http://smallwarsjournal.com/blog/journal/docs-temp/456-martin.pdf>>, acesso em 27 jun. 2010.